

**VIVER O
CARISMA
AGOS
TINIA
NO
RECO
LETO
COM
ESPERANÇA**



agostinianos
recoletos



VIVER O CARISMA AGOSTINIANO RECOLETO COM ESPERANÇA

"O carisma dos fundadores é revelado como uma experiência do Espírito, transmitido aos próprios discípulos para ser vivido, guardado, aprofundado e constantemente desenvolvido por eles em harmonia com o crescente Corpo de Cristo.

A natureza específica da Igreja também traz consigo um estilo particular de santificação e apostolado, que cria uma tradição típica cujos elementos objetivos podem ser facilmente identificadas e reproduzidas"

(Mutuae Relationes 11).

INTRODUÇÃO

O carisma agostiniano recoleto responde, em sua origem, a dois sonhos. Primeiro, o sonho de Santo Agostinho: *"A primeira razão pela qual se reuniram em comunidade foi para que habitassem juntos na casa e tivessem uma só alma e um só coração dirigidos para Deus"* (Regra, 1,1). E, em segundo lugar, como um desejo de renovação diante da preguiça com que se vivia a vida religiosa, o sonho do recolhimento: *"Porque há entre nós, ou pelo menos pode haver, alguns que são mais amantes da perfeição monástica que desejam seguir um plano de vida mais austero, cujo legítimo desejo devemos favorecer para não colocar obstáculos no caminho do Espírito Santo, [...] determinamos que nesta nossa província sejam demarcados ou erigidos de novo três ou mais mosteiros para homens e outros tantos para mulheres, nos quais se pratique uma forma de vida mais austera"* (Ato V do Capítulo de Toledo, 5 de dezembro de 1588).

E qual é o sonho de nosso tempo em torno do carisma agostiniano recoleto? Diz-se que sonhar não custa nada e que sonhos são sonhos. No entanto, os sonhos são a expressão da utopia do Evangelho que nos permite caminhar, avançar na direção correta. A imobilidade é o pior pesadelo da vida cristã e, é claro, da vida religiosa. Portanto, surge a questão de quais sonhos cultivamos para o nosso tempo em relação ao nosso carisma, pois sem o profetismo dos sonhos, corremos o risco de apenas sobreviver, ou seja, de viver sem poesia. Nesse sentido, o sonho do profeta Joel hoje soa como poesia aos nossos ouvidos: *"O Senhor diz: Derramarei meu espírito sobre todos: seus filhos e filhas profetizarão, seus velhos terão sonhos, seus jovens terão visões"* (Joel 2:28). Esta é a utopia do carisma agostiniano recoleto: idosos que ainda sonham e jovens que têm visões.

Há alguns anos, um homem idoso sonhou com uma nova esperança para a vida cristã: *"Nossas ações não são indiferentes a Deus e, portanto, não são indiferentes ao desenvolvimento da história. Podemos nos abrir e abrir o mundo para que entre Deus: a verdade, o amor e a bondade. Foi isso que fizeram os santos que, como colaboradores de Deus, contribuíram para a salvação do mundo"* (Bento XVI, *Spe salvi* 35). Esta pode ser a visão que nos permite viver, com esperança, o carisma agostiniano recoleto: *abrir-nos primeiro a nós mesmos e depois abrir o mundo para que Deus possa entrar e, com ele, a verdade, o amor, a bondade e a beleza*. Seria maravilhoso ver um mundo com Deus e de Deus, e a família agostiniana recoleta alegre e comprometida na busca da única coisa necessária para ser feliz...

1. Um carisma vivo

A celebração anual, no dia 5 de dezembro, da fundação dos agostinianos recoletos nos dá a oportunidade de recordar o passado de nossa família com gratidão; o Senhor fez em nós maravilhas e nos alegamos (cf. *Salmo* 126,3).

Neste momento - ano 2025 - já são 437 anos de vida e de renúncia à própria vida para dar lugar à vida de Deus na Igreja e no mundo. A celebração desse evento também nos permite renovar o dom de nosso carisma, para que possamos vivenciá-lo com paixão nas circunstâncias históricas pelas quais passamos agora. Ao mesmo tempo, esta celebração nos leva a refletir sobre o que é necessário preparar para que este carisma se mantenha vivo e vigoroso no futuro, ou seja, as condições em que a família agostiniana recoleta deve se abrir ao futuro com esperança.

O carisma agostiniano recoleto está vivo naqueles de nós que o vivem; ele nos atravessa totalmente, nos agarra por dentro e nos permite organizar o sentido de toda nossa vida humana e cristã. É um dom do Espírito à Igreja que nós, agostinianos recoletos, como parte da Igreja, tenhamos tido a sorte de conhecê-lo, de acolhê-lo em nós e de responder a seus apelos. E dado que o Espírito Santo é o autor desse carisma, ele não tem dono humano e ninguém pode reivindicar o direito exclusivo de vivê-lo e interpretá-lo. Simplesmente, nós o recebemos. Simplesmente, nós o recebemos por meio do testemunho daqueles que o vivem ou o viveram e, por sua vez, também somos uma mediação para que outros possam conhecê-lo e vivê-lo.

Agora, quando falamos do carisma agostiniano recoleto, devemos nos perguntar do que estamos falando em termos concretos, ou seja, qual é o conteúdo básico e essencial que define esse carisma. Muitas famílias religiosas, especialmente as mais recentes, centram o conteúdo de seu carisma no tipo de apostolado para o qual surgiram, como a formação na fé dos jovens (Salesianos), a educação integral (Irmãos Maristas), a atenção ao campo da saúde (Servos da Caridade ou Camilianos), o cuidado dos enfermos em suas casas (Servos de Maria), etc. Mas esse não é o caso dos agostinianos recoletos, nem de outras famílias religiosas, como os franciscanos ou os jesuítas.

Antes de entrar a fundo no que poderia ser o conteúdo concreto do carisma agostiniano recoleto, proponho três hipóteses que compõem o imaginário do que às vezes se define como "o" agostiniano recoleto. Estaríamos falando, em primeiro lugar, de um "carisma agostiniano" vivido em um "espírito recoleto". Esse enfoque nos permitiria falar dos *agostinianos recoletos* como aqueles que, por vocação, abraçam uma versão renovada do carisma agostiniano. Em segundo lugar, poderíamos falar de um "carisma recoleto" enriquecido com elementos próprios da espiritualidade agostiniana. Nesse caso, estaríamos falando dos *"recoletos de santo Agostinho"*. O acento recairia naqueles traços de vida religiosa promovidos, em primeiro lugar, pelos franciscanos através do movimento de estrita observância (1334-1368) e, em segundo lugar, pelo que foi estabelecido no Concílio de Trento (1545-1563); que, no caso dos agostinianos recoletos, seriam alimentados com elementos da espiritualidade agostiniana.

Em terceiro lugar, teríamos um *"carisma agostiniano"* vivido com *toques recoletos* que, com o passar dos anos, perderam sua força e se desvaneceram ante a tirania da inércia e a sedução do mundano. Então, dado que os aspectos recoletos foram diminuindo, falaríamos de agostinianos sem mais delongas. Assim, a diferença entre os *agostinianos recoletos* e os agostinianos não seria

nem qualitativa, nem quantitativa, nem substancial, mas apenas acidental e circunstancial. A única coisa que diferenciaria um do outro seria seu contexto histórico e a peculiaridade das culturas onde suas comunidades estão presentes. A única diferença seria mais de ordem externa e estaria centrada em "*um metro de tecido*", é claro, na suposição de que um ou outro religioso ainda usasse o hábito. Ao refletirmos, encontraremos as pistas que nos ajudarão a chegar, em princípio, a uma conclusão clara.

2. A eclesiologia do Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II (1962-1965) é o clima eclesial em que os conceitos de "carisma", "vocação" e "ministério" são mais bem compreendidos. Na eclesiologia do Concílio, eles se interpelam mutuamente e, entre os três, entrelaçam a visão crente do ser humano e uma abordagem muito rica da condição cristã no mundo. Em particular, a *Constituição Dogmática* sobre a Igreja *Lumen Gentium*, ou *Luz dos Povos*, desenvolve no segundo capítulo a teologia do Povo de Deus. Ela expressa que na Igreja, o Povo de Deus e a comunidade dos batizados, o seguimento de Jesus Cristo é realizado por meio de carismas, vocações e ministérios. Em particular, os números 9 a 17 são uma concentração desse novo ecossistema eclesial.

A teologia do Povo de Deus desenvolvida no segundo capítulo da *Lumen Gentium* inclui os três conceitos já mencionados e fornece nuances muito ricas sobre cada um deles. Assim, os carismas são discutidos no número 12, onde é retomada a teologia paulina da *primeira Carta aos Coríntios* (cf. 1Cor 12,7.11). Com relação ao carisma, vale a pena observar a citação de número 21 ao pé da página, na qual se menciona novamente a mesma carta paulina e se acrescenta um comentário de Santo Agostinho no qual se afirma: "*Não só a continência, mas também a castidade conjugal é um dom de Deus*" (*Sobre o dom da perseverança* 14,37). Este é o texto paulino mais conhecido sobre os carismas:

"Há diversos carismas, mas um mesmo Espírito. Assim, um, pelo mesmo Espírito, tem o dom de falar com sabedoria; outro, pelo mesmo Espírito, o dom de ensinar coisas profundas; a outro, pelo mesmo Espírito, é dada a fé; a este, pelo mesmo Espírito, é dado o dom de curar; a outro, o dom de fazer milagres; a um, o dom de profecia; a outros, o dom de discernimento; a este, o dom de falar em várias línguas; a este, o dom de interpretação" (1 Co 12,4.8-10).

Com relação à vocação e às vocações, o número 11 fala da vocação batismal comum e incentiva os pais a promoverem a vocação particular de seus filhos, com atenção especial à vocação sagrada, referindo-se à vida consagrada e ao ministério ordenado. No número 16, há novamente uma alusão à vocação, nesse

caso, referindo-se ao povo da primeira aliança, o povo da eleição. Mais adiante, o documento desenvolve uma ampla teologia de vocações específicas: capítulo 3 sobre os *ministros ordenados*, capítulo 4 sobre os *leigos*, capítulo 5 sobre a *vocação universal à santidade* e capítulo 6 sobre os *religiosos*. É importante ressaltar que os conceitos de vocação e missão estão interligados em todo o documento, deixando claro que o chamado é para a missão.

A partir dessa eclesiologia, como podemos descrever a vocação cristã em geral e em particular? A vocação seria definida como o maravilhoso acontecimento da vida cristã. A vocação cristã seria a dignidade comum dos batizados, e as vocações específicas, a maneira real e concreta de viver a essência da vida cristã. Portanto, a vocação cristã específica pode ser descrita como um chamado divino que se manifesta como uma intuição irrenunciável fixada no coração. Algo como a certeza da fé de que Deus está contando com a pessoa para algo que somente ela, e ninguém mais, pode realizar neste mundo. O Papa argentino assinalou a esse respeito: *"Eu sou uma missão nesta terra, e é por isso que estou neste mundo"* (Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* 273).

Com relação aos ministérios, a *Lumen Gentium* diz que o Espírito Santo *"distribui seus vários dons para o bem da Igreja, de acordo com a riqueza e a diversidade de seus ministérios"* (1 Cor 12:1-11). E acrescenta que Cristo *"enriquece constantemente o seu corpo, que é a Igreja, com os dons dos ministérios, pelos quais prestamos uns aos outros serviços para a salvação, a fim de que, vivendo a verdade na caridade, cresçamos de todos os modos naquele que é a nossa Cabeça (cf. Ef 4,11-16)"* (*Lumen Gentium* 7). E depois ele fala dos ministérios próprios de cada vocação.

Os ministérios são serviços que respondem, em parte, a carismas pessoais. Todos os cristãos receberam um ou mais deles em virtude de nosso batismo. Entretanto, os ministérios também respondem à realização de uma vocação cristã específica. Por meio dos ministérios, o dom da vocação é desenvolvido e os carismas pessoais são fortalecidos. Assim, temos, por exemplo, que os ministros ordenados pelo sacramento da Ordem Sagrada são configurados com Cristo, Cabeça e Pastor, para a santificação e edificação do povo de Deus.

Da mesma forma, há os ministérios leigos instituídos, como o acólito e o leitorado, e os ministérios leigos não instituídos, como o catequista. Deve-se dizer que a eclesiologia do Concílio Vaticano II abordou a vida religiosa consagrada como um ministério em seu próprio direito e se referiu a ela como sinal, memória e profecia. Estaríamos falando do seu valor de testemunho porque o estilo de seguimento radical de Jesus Cristo já é, em si mesmo, um serviço à Igreja e ao mundo. Não obstante, as pessoas consagradas também assumem vários ministérios eclesiais na evangelização. Por fim, é preciso ressaltar que, para todas as vocações particulares, qualquer ministério eclesial responde sempre a um encargo da autoridade competente; ninguém se atribui um ministério na comunidade, por mais competente que seja, mas o recebe por encargo ou por confiança.

3. A teologia do carisma e os carismas na vida religiosa consagrada

Uma área da vida da Igreja em que a eclesiologia do Concílio Vaticano II foi recebida com grande interesse é a vida religiosa. A prova disso é que, após o fim do Concílio, os vários papas, por um lado, e o Dicastério para os Religiosos, por outro, publicaram cerca de trinta documentos que tratam de diferentes questões e assuntos relacionados à vida consagrada na Igreja. A Nona Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, em 1994, também foi dedicada à reflexão sobre a vida consagrada e sua vocação na Igreja e no mundo. A exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata* foi promulgada em 1996 sobre a vocação e a missão da vida consagrada na Igreja e no mundo. Mais recentemente, o Papa Francisco convocou um ano de vida consagrada para toda a Igreja em 2015.

Essa onda do Espírito Santo teve seu início no sexto capítulo da *Lumen gentium* sobre os religiosos, no qual foi oferecido um novo horizonte para a vida consagrada. Daquele momento em diante, a vida religiosa foi colocada no horizonte da vida de santidade da Igreja: *"o estado constituído pela profissão dos conselhos evangélicos, embora não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, pertence, no entanto, indiscutivelmente à sua vida e santidade"* (*Lumen gentium* 44). Alguns anos depois, o Papa Paulo VI falou do carisma dos fundadores em termos muito semelhantes em sua exortação apostólica *Evangelica testificatio* (1971), sobre a renovação da vida religiosa de acordo com os ensinamentos do Concílio:

"Despertem de novo os corações para a verdade e para o amor divino, segundo o carisma de seus fundadores, suscitados por Deus em sua Igreja. O Concílio insiste, com razão, na obrigação dos religiosos e religiosas de serem fiéis ao Espírito de seus fundadores, às suas intenções evangélicas, ao exemplo de sua santidade, e nisso coloca um dos critérios mais seguros para o que cada Instituto deve empreender. O carisma da vida religiosa, na realidade, longe de ser um impulso nascido da carne e do sangue, ou originado de uma mentalidade que se conforma ao mundo atual, é fruto do Espírito Santo que está sempre agindo na Igreja" (Paulo VI, *Evangelica testificatio* 11).

Com relação ao carisma e aos carismas na vida religiosa, um documento do Dicastério para os Religiosos é particularmente relevante. Estamos falando do *Mutuae relationes, Relações mútuas*, de 14 de maio de 1978. Esse documento forneceu critérios de orientação para as relações entre bispos e religiosos, de modo que tais relações fossem muito mais transparentes e respeitassem o carisma e a fisionomia próprios de cada instituto religioso. Citamos abaixo um número do documento no qual o carisma é mencionado em termos muito precisos:

"O carisma dos fundadores se revela como uma experiência do Espírito (cf. Test. II do Evangelho), transmitida aos próprios discípulos para ser vivida, guardada, aprofundada e constantemente desenvolvida por eles em harmonia com o sempre crescente Corpo de Cristo. O caráter particular da Igreja traz consigo também um estilo particular de santificação e apostolado, que cria uma tradição típica cujos elementos objetivos podem ser facilmente identificados e reproduzidos" (*Mutuae Relationes* 11).

Como se pode ver, a expressão o carisma dos fundadores aparece novamente, o que, para alguns institutos, refere-se a uma pessoa específica e, para outros, a duas ou mais. Em seguida, ele cita a exortação apostólica *Evangelica testificatio* de Paulo VI e define o carisma dos fundadores como uma experiência no Espírito. Esse conceito de "*experiência no Espírito*" será de grande relevância para a posterior teologia dos carismas na vida consagrada. É precisamente essa experiência no Espírito que deve ser *transmitida* aos novos membros do instituto, para ser *vivida, guardada, aprofundada* e constantemente *desenvolvida* por eles em harmonia com a Igreja, que também está em constante crescimento.

Esse sintagma concentra os deveres de um instituto em relação ao seu próprio carisma. É algo que o Espírito inspira por meio do fundador ou dos fundadores, e que contém um tipo de experiência profunda e bem-sucedida, de modo que os novos discípulos se apegam a essa pessoa ou pessoas por meio de sua experiência espiritual cristã. E os novos discípulos têm a tarefa de viver esse carisma, guardá-lo, aprofundá-lo, desenvolvê-lo e entregá-lo à Igreja, para o benefício de todos. Valeria a pena mantermos esses cinco verbos como tarefas fundamentais em torno do carisma de uma família religiosa: viver, guardar, aprofundar, desenvolver e entregar. O carisma, sendo uma experiência no Espírito, é algo que o mesmo Espírito mantém vivo naqueles que se sentem chamados a vivê-lo.

No mesmo parágrafo que citamos, o conceito de "*caráter próprio*" parece referir-se ao carisma; é uma expressão que Paulo VI já havia usado antes (cf. *Evangelica testificatio* 12). O carisma ou a índole própria traz consigo, como diz *Mutuae relationes*, um estilo particular de santificação, um apostolado, uma tradição típica, elementos objetivos que permitem identificar o carisma e a possibilidade de reproduzi-los. Essa concentração de expressões faz com que se fale do que é próprio e específico de um carisma: sua espiritualidade ou estilo particular de santificação, a missão por meio de presenças e ministérios ou o que chamaríamos de apostolado, uma história ou tradição típica do instituto e um itinerário de discipulado para alcançar a santidade. Isso se torna possível por meio da experiência dos elementos objetivos do carisma que podem ser facilmente identificados e, com a ajuda da graça, vividos como um estilo de vida.

O foco desse documento limita a compreensão do carisma à vida religiosa e aos religiosos do próprio instituto que o vivem, e aos outros institutos

religiosos ligados ao carisma. Parece claro que a vida religiosa é solicitada a doar o carisma à Igreja para que outros possam se beneficiar de sua riqueza. Mas ainda não está claro até que ponto aqueles que a vivem, como os leigos, também são chamados a participar ativamente da tarefa de aprofundar e desenvolver o carisma. De fato, serão necessários mais alguns anos para falar da *"família carismática"*, na qual os leigos já estão incluídos como membros com direitos e deveres em relação ao carisma. Isso acontecerá explicitamente na *Carta do Papa Francisco dirigida às pessoas consagradas* em 21 de novembro de 2014 por ocasião do Ano da Vida Consagrada. Aqui está o texto:

*"Com esta Carta, dirijo-me não somente às pessoas consagradas, mas também aos leigos que compartilham com elas os ideais, o espírito e a missão. Alguns Institutos religiosos têm uma longa tradição nesse sentido, outros têm uma experiência mais recente. De fato, em torno de cada família religiosa, e também em torno das Sociedades de Vida Apostólica e dos próprios Institutos seculares, existe uma família maior, a **"família carismática"**, que inclui **vários Institutos que se reconhecem no mesmo carisma** e, sobretudo, **cristãos leigos que se sentem chamados, precisamente na sua condição de leigos, a participar do mesmo espírito carismático.***

Também os encorajo, fiéis leigos, a viver este Ano da Vida Consagrada como uma graça que pode torná-los mais conscientes do dom que receberam. Celebrem-no com toda a "família", a fim de crescer e responder aos apelos do Espírito na sociedade de hoje. Em certas ocasiões, quando pessoas consagradas de diferentes Institutos se encontrarem entre si durante este Ano, procurem estar presentes também, como expressão do único dom de Deus, para conhecer as experiências de outras famílias carismáticas, de outros grupos de leigos, e para se enriquecerem e se ajudarem mutuamente" (Papa Francisco, *Carta às pessoas consagradas* 3,1).

Essa nova dinâmica de sermos todos, religiosos e leigos, construtores ativos da família carismática é, portanto, uma prática muito mais recente. Poderíamos dizer que é uma das novidades trazidas pelo Espírito Santo por meio do Papa Francisco e que esteve presente em todo o processo do Sínodo da Sinodalidade (2021-2024). No entanto, com toda honestidade, também se deve dizer que há o testemunho de leigos ao longo da história da Igreja que, associados a uma família religiosa, se beneficiaram de sua espiritualidade e compartilharam lado a lado o trabalho de evangelização. Esse é o caso de Santa Madalena de Nagasaki e de muitos outros leigos da Igreja do Japão.

Estas notas sobre o carisma e os carismas na vida religiosa consagrada irão nos permitir agora esclarecer alguns aspectos importantes do carisma agostiniano recoleto e algumas particularidades da família carismática "agostiniana recoleta", tanto no que se refere aos institutos religiosos como às comunidades leigas, presente em todo o processo do Sínodo da Sinodalidade. Portanto, para avançar na identificação dos traços agostinianos e recoletos deste carisma, será importante também abordar várias questões relacionadas

tanto com o carisma de Santo Agostinho como com o carisma agostiniano. Este exercício irá nos permitir perceber a íntima e harmoniosa unidade com que o Espírito Santo suscitou na Igreja o carisma agostiniano recoleto.

a. O carisma de Santo Agostinho

O carisma de Santo Agostinho refere-se à *experiência espiritual* cristã do santo, que ele mesmo nos transmitiu por meio de seus escritos. Além disso, no caso do bispo de Hipona, também temos o testemunho escrito de uma pessoa que o conheceu diretamente; referimo-nos à *Vida de Agostinho* escrita por seu amigo Posídio. E como muitas de suas cartas também foram preservadas, é possível ter acesso direto à vida, ao pensamento e às diferentes experiências espirituais do santo. Da mesma forma, a experiência de vida monástica que ele propôs e que está contida em suas obras monásticas, em particular na *Regra dos Monges*, faz dele, no sentido estrito da palavra, um fundador.

A partir de toda essa documentação, podemos estabelecer uma lista de vários traços da vida cristã que o bispo de Hipona enfatizou e que, em seu conjunto, dão origem ao "*carisma de Santo Agostinho*" e que, por sua vez, fazem dele uma *pessoa carismática*. Todos esses traços que definem o carisma de Santo Agostinho, segundo o recente magistério sobre a Vida Consagrada, se revelam como uma *experiência no Espírito* que deve ser transmitida aos discípulos, para ser vivida, guardada, aprofundada e desenvolvida por eles.

Sem querer ser exaustivo e esmentar em qualquer tipo de desenvolvimento, algumas das características do carisma de Agostinho são mencionadas abaixo e exemplificadas por um texto.

O processo de interioridade transcendida:

"Não queira se derramar; vá para dentro de si mesmo, pois no homem interior está a verdade; e se achar que sua natureza é mutável, transcenda a si mesmo, mas não se esqueça de que, ao se elevar acima das alturas de seu ser, você se eleva acima de sua alma, que é dotada de razão. Portanto, dirija seus passos para onde a luz da razão brilha" (*On True Religion*, 39,72).

A vida em comunidade e o amor pela amizade:

"Preciosa é a amizade dos homens por causa da união que une muitas almas com o doce nó do amor" (*Confissões* 2:10).

Serviço à Igreja:

"Sou um servo de sua Igreja, especialmente de seus membros mais fracos, não me importando em saber que tipo de membro sou em relação a todo o corpo" (*The Work of the Monks* 29,37).

A referência constante ao mistério da encarnação:

"Grande ato de misericórdia: Ele se tornou homem para o homem; Ele se tornou homem, o Criador do homem! Não foi nada extraordinário para Cristo ser o que Ele era, mas Ele desejou que fosse uma grande coisa tornar-se o que Ele mesmo havia feito. O que significa "tornar-se o que Ele havia feito"? Tornar-se o homem que havia feito o homem. Essa é sua obra de misericórdia" (*Sermão 229H,1*).

A centralidade da Palavra de Deus:

"Não com uma consciência duvidosa, mas com certeza, eu te amo, Senhor. Você feriu meu coração com sua Palavra e eu o amo" (*Confissões 10,8*).

Humildade:

"Quando você diz: 'O pão nosso de cada dia nos dai hoje', você se declara um mendigo de Deus. Mas não se envergonhe; por mais rico que alguém seja na terra, ele é um mendigo de Deus. O mendigo está à porta do rico, mas esse rico também está à porta do Grande Rico. Eles lhe pedem e ele pede. Se ele não sentisse a necessidade, não clamaria por meio da oração aos ouvidos de Deus" (*Sermão 56,9*).

A busca e o encontro:

"Ele é procurado para que o achado seja mais doce, Ele é encontrado para que seja procurado com mais avidez" (*On the Trinity 15,2,2*).

O desejo de Deus:

"Viver bem aqui não tem o mesmo valor que o que você deseja aqui, embora, se você deseja tais coisas, não vive bem. Se quiser mudar sua vida, mude seus desejos. Mantenha sua fidelidade a Deus para ser feliz na terra" (*Sermão 345,7*).

A inquietação do coração:

"Você nos fez para si mesmo e nossos corações estão inquietos até que descansem em você" (*Confissões 1,1*).

A condição de ser peregrino:

"Veja, nós somos andarilhos. Vocês me perguntam: O que significa caminhar? Eu lhes respondo em poucas palavras: Ir avante, para que, por não o entenderem, não andem mais vagorosamente. Avante, meus irmãos,

examinai-vos continuamente, sem engano, sem lisonja nem vanglória. Não há ninguém dentro de vocês diante de quem se envergonhem ou se vangloriem. Há alguém lá, mas alguém que se agrada da humildade; que seja ele quem os teste. Teste a si mesmo também. Sempre fique descontente com o que você é se quiser se tornar o que ainda não é, pois onde você encontrou prazer em si mesmo, lá você permaneceu. Se você disser: isso é suficiente, você também pereceu. Sempre acrescente algo, caminhe continuamente, avance sem parar; não pare no caminho, não retroceda, não se desvie. Quem não avança fica parado; quem retorna às coisas das quais se afastou retrocede; quem se afasta da fé se desvia. Melhor é um coxo na estrada do que um corredor fora dela. Voltem-se para o Senhor... (*Sermão* 169,18).

O dinamismo da conversão:

"Desde o momento em que me volvei para ti, fui renovado por ti, que me criaste; fui renovado porque fui criado; fui reformado porque fui formado. Desde o momento da minha conversão, aprendi que nenhum mérito meu me precedeu, mas que tu me deste gratuitamente a tua graça, para que eu me lembrasse somente da tua justiça" (*Comentário sobre o Salmo 70,2,2*).

Confissão de seus pecados, de fé, de louvor:

"Grande és Tu, Senhor, e muito digno de louvor; grande é o Teu poder, e a Tua sabedoria é incomensurável; e o homem, uma pequena parte da Tua criação, procura louvar-Te, e o próprio homem, que, revestido de sua mortalidade, dá o testemunho de seu pecado e o testemunho de que *Tu resistes aos soberbos*? No entanto, o homem, uma pequena parte de Sua criação, quer louvá-Lo. Tu mesmo o estimulas a isso, fazendo com que ele se deleite em Te louvar" (*Confissões* 1,1).

A purificação do coração:

"Certamente, Senhor, eu labuto nela e labuto em mim mesmo, e me tornei uma terra de dificuldades e de suor excessivo. Porque não exploramos agora as regiões do céu, nem medimos a distância das estrelas, nem procuramos os fundamentos da terra; sou eu, aquele que se lembra, eu, a alma" (*Confissões* 10,25). Quando eu me apegar a você com todo o meu ser, não haverá mais trabalho ou dor para mim, e minha vida estará viva, cheia de você. Mas agora, enquanto você me enche, eu sou um fardo para mim mesmo, porque não estou cheio de você" (*Confissões* 10,39; cf. *Confissões* 10,39-64).

Cuidar dos pobres:

"Se o que temos deve ser transferido, deve ser para um lugar onde não o perderemos. Os pobres a quem damos, o que são eles senão nossos

carregadores de bagagem, que nos ajudam a transferi-lo da terra para o céu? Você dá o dinheiro ao seu carregador de bagagem, e ele leva o que você lhe deu para o céu. "Como", você diz, "ele leva para o céu? Eu o vejo consumindo-o como alimento". É exatamente assim que ele o leva, comendo-o em vez de guardá-lo. Ou você se esqueceu das palavras do Senhor? *Vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino. Porque tive fome, e me destes de comer; e: Quando o fizestes a um dos meus pequeninos, a mim o fizestes.* Se não desprezastes aquele que mendigava em vossa presença, vede a quem foi dado: *Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.* O que vocês deram, Cristo o recebeu; recebeu-o aquele que lhes deu o que dar; recebeu-o aquele que, no fim, se dará a vocês" (*Sermão 389,4*).

b. O carisma agostiniano

Tendo nos concentrado no carisma de Agostinho, vamos agora considerar o impacto que sua experiência do Espírito teve sobre outros que, para fins práticos, poderíamos chamar de seus discípulos. Esse grupo de pessoas que se assemelhavam ao carisma de Agostinho surgiu praticamente com o lançamento de seu projeto de vida monástica. O carisma de Santo Agostinho entrou em diálogo com os carismas pessoais daqueles que também abraçaram essa experiência. Dessa forma, a inspiração original do bispo de Hipona cresceu e adquiriu novos matizes. A Regra foi seu escrito que concentrou particularmente o sonho da vida comunitária e a busca compartilhada de Deus. Assim, com o passar dos anos, o carisma de Santo Agostinho se transformou no carisma "agostiniano".

O que é o carisma agostiniano? É o carisma de Santo Agostinho, mas aprofundado e enriquecido por aqueles que abraçaram o propósito de "ter um só coração e uma só alma dirigidos a Deus em comunidade de irmãos". Agora são os discípulos que fazem a experiência crescer e se desenvolver no Espírito do mestre Agostinho, já em circulação há dezesseis séculos na Igreja. O carisma agostiniano está vivo na experiência atual daqueles que abraçam a vida comunitária sob a inspiração do santo do coração inquieto. O carisma é recebido como um dom do mesmo Espírito a ser vivido, para que aqueles que o vivem possam ser mediação dele e transmiti-lo às novas gerações como experiência de vida.

O carisma agostiniano também está vivo nas fontes da espiritualidade agostiniana, começando com os escritos de Santo Agostinho e continuando com todos aqueles irmãos e irmãs que enriqueceram o carisma do santo com seus carismas pessoais, seja por meio de seus escritos ou pela santidade de suas vidas. E, embora mais adiante comentemos mais detalhadamente o que corresponde à espiritualidade agostiniana, por ora é preciso notar que ela está contida principalmente nas fontes, especialmente nas fontes escritas. Nelas, os irmãos e irmãs que viveram o carisma agostiniano comunicam sua experiência de Deus inspirada na experiência do bispo de Hipona. Além disso, são fontes da espiritualidade agostiniana porque contêm a experiência de santidade

daqueles que viveram o carisma de Santo Agostinho como um projeto para alcançar a plenitude no amor.

Para entender mais concretamente o que foi dito sobre o carisma agostiniano, passamos agora a alguns exemplos de santos da família agostiniana que viveram de maneira excelente o carisma de santo Agostinho e que, em seu conjunto, desenvolvem e ampliam os horizontes do carisma agostiniano. Apresentamos estes exemplos com base em uma oração que está circulando na internet e nas redes sociais, e cujo autor é Raúl Díaz Corbo.

- Dê-me *a perseverança da Mônica* para que, em oração, eu possa buscá-lo e encontrá-lo.
- Dê-me *o fogo do coração de Agostinho* para amá-lo apaixonadamente.
- Dê-me *o espírito fraterno e comunitário de Alípio e Posídio* para servi-lo em meus irmãos e com eles.
- Conceda-me *a hospitalidade de Nicolau de Tolentino*, para que, como você é meu hóspede, eu possa servi-lo com prazer e carinho.
- Dê-me *a humildade e a sabedoria de Clara de Montefalco* para conhecer sua vontade e saber como aceitar a cruz de cada dia.
- Dê-me *a fidelidade e a obediência de Rita de Cássia* para fazer o que você pede, mesmo que pareça impossível.
- Dê-me *a coragem e a generosidade de Tomás de Vilanova* para pregar a você diante de reis e mendigos.
- Dê-me *o espírito contemplativo de Alonso de Orozco* para interiorizar, saborear e viver sua Palavra.
- Dê-me *a paixão pela Eucaristia de Juan de Sahagún* para que eu me deleite internamente ao celebrá-la.
- Dê-me *o amor pela Igreja de John Stone* para viver sempre em comunhão e unidade com ela, a ponto de proteger essa unidade com a doação de sua própria vida.

c. O carisma agostiniano recoleto

Um carisma é uma realidade viva, dinâmica e aberta a surpresas, porque seu autor é o Espírito Santo, que professamos como Senhor e doador da vida, dinamizador da condição cristã, ator da novidade, promotor da criatividade do amor. Assim, em um contexto histórico muito particular, aqueles que viveram o carisma agostiniano, para não colocar obstáculos no caminho do Espírito Santo, consideraram promover sua renovação. Certamente, os agostinianos da província de Castela, reunidos em Toledo em um capítulo provincial, não mediram

as consequências daquela quinta lei de 5 de dezembro de 1588. Entretanto, o Espírito Santo aproveitou aquele momento histórico para promover a reforma do carisma agostiniano, que logo deu lugar ao carisma agostiniano recoleto.

No contexto da América Latina, na Colômbia, surgiu outro surto de recolhimento agostiniano. Assim, no final do século XVI, o sacerdote agostiniano Mateo Delgado entrou em contato com alguns eremitas que haviam construído uma ermida para a Virgem da Candelária às margens do rio Gachaneca, onde hoje se encontra o Convento El Desierto de la Candelaria, em Ráquira, Boyacá. Ele aconselhou esses eremitas a buscar apoio dos superiores de sua Ordem para transformar o eremitério em um convento regular e implementar o estilo das Recoleções.

Os eremitas aceitaram o conselho e, em maio de 1604, ofereceram a ermida à Província Agostiniana da Colômbia, com a condição de que os recoletos vivessem ali. No dia 29 de junho daquele ano, o Conselho Provincial aceitou a doação e encarregou o provincial, padre Vicente Mallol, de redigir os estatutos de acordo com os quais os religiosos deveriam viver. O padre Vicente Mallol executou prontamente o mandato do conselho e, em 12 de agosto, um delegado tomou posse do eremitério e impôs o hábito aos primeiros recoletos colombianos. Em 1629, eles se uniram aos recoletos espanhóis e fortaleceram uma experiência reformada que lentamente deixou sua marca na história. Logo as paredes do convento primitivo se mostraram muito estreitas para acomodar os que desejavam abraçar o ideal agostiniano recoleto e, assim, em poucos anos, foram fundados novos conventos na Colômbia e no Panamá.

O que é o carisma agostiniano recoleto? É o carisma *agostiniano*, mas vivido em um *espírito recoleto*; seria uma "versão" recoleta do agostiniano. A recoleção, como movimento reformista do século XVI, concentrou-se em avivar o "amor de Deus", cuidando de tudo o que mais acendesse os que abraçavam esse modo de vida mais austero. Certamente, a vivência do carisma de Santo Agostinho havia perdido sua força em muitos dos contextos dos conventos agostinianos. No entanto, nos próprios conventos agostinianos, havia o desejo de uma vida mais autêntica, mais próxima do que se considerava ser a inspiração das origens. Esses frades se conectaram com Santo Agostinho por meio do imaginário de espiritualidade que circulava nos conventos.

Poder-se-ia fazer a seguinte pergunta: que versão de Santo Agostinho e da vida monástica tinham os religiosos dos conventos agostinianos que estavam considerando a renovação ou o retorno às origens? Em outras palavras, sob quais pressupostos eles imaginavam a reforma agostiniana? É claro que eles se concentravam em *uma maneira de entender Santo Agostinho*, talvez muito mediada pela espiritualidade dominante da época, que eles procuravam acessar novamente como um modo de vida nos conventos. A maior influência veio do movimento franciscano de estrita observância; eles foram os grandes propagadores da vida monástica agostiniana em termos de austeridade e da vida conventual mais apaixonada pela perfeição.

Os agostinianos não ignoravam a figura e o pensamento de Santo Agostinho, mas os primeiros frades agostinianos recoletos olhavam para o outro lado, para a presença do bispo de Hipona nas fontes nas quais queriam se inspirar para sua reforma, que provinha, principalmente, da observância franciscana ou era influenciada por ela. De fato, a *Forma de Viver*, embora cite Santo Agostinho algumas vezes, quase não fornece traços relevantes de sua inspiração monástica, mas se concentra, fundamentalmente, na busca de uma vida mais austera, baseada em um novo andaime normativo já estabelecido em outras famílias religiosas reformadas. No entanto, isso não significa que o escrito não contenha uma rica proposta de conteúdo para promover uma profunda renovação da vida religiosa.

A reforma agostiniana que se propõe a partir da recoleção, pelo que foi dito anteriormente, se delinea como uma "*espiritualidade*" de renovação, como um espírito ou estímulo para viver o carisma agostiniano com nova força, novo entusiasmo e compromisso; seja qual for o carisma agostiniano entendido como era entendido naquele momento. O anseio de reforma que o Espírito Santo impulsiona se concentra nesse "*espírito recoleto*", a partir do qual se deseja viver o carisma agostiniano com maior perfeição. Assim, o carisma agostiniano recoleto se configura sobre a base do carisma agostiniano, mas agora vivido a partir do *espírito recoleto*. Este espírito recoleto inclui algumas das seguintes características; aqui reuniremos algumas delas, mas muitas outras poderiam ser acrescentadas:

Buscar a perfeição da caridade para com Deus e para com nossos irmãos e irmãs:

"Do amor de Deus vem o amor ao próximo; e assim a paz dos religiosos entre si é um sinal seguro de que o Espírito Santo vive neles" (*Forma de viver* 2,1).

"O amor se preserva melhor entre poucos, e cresce mais em igualdade, porque é natural amar pessoas que pensam da mesma forma" (*Forma de viver* 2,2).

"Desejamos que o tratamento de todos seja igual; por isso, pedimos aos responsáveis pela comunidade que levem em conta os fracos e os sustentem de acordo com suas fraquezas" (*Forma de viver* 2,3).

Praticar a mortificação, o ascetismo e o desapego:

"Porque o fim do cristão é a caridade, e porque ele não a alcança com perfeição a menos que negue e mortifique a si mesmo; portanto, todas as religiões, que caminham para a perfeição dessa virtude, professam a pobreza, a obediência e a castidade, que são as coisas pelas quais o coração de um homem nega a si mesmo e se desprende de tudo" (*Forma de viver*, Prólogo 1).

"Na mortificação dos afetos está a vida do espírito, que cresce à medida que morrem em nós as paixões e os afetos de nosso próprio amor e sentidos" (*Forma de viver* 13,1).

Cultivar o exercício da oração e da meditação:

"Assim como nosso objetivo é amar a Deus, nossa preocupação deve ser principalmente amar tudo o que está mais próximo a Ele, como sua adoração e louvor, o uso dos sacramentos e o exercício da meditação e da oração" (*Forma de Viver* 1,1).

"Como a oração serve à caridade para acender o amor de Deus na alma, assim o jejum e a aspereza servem à oração mitigando as paixões, que por sua força, impedem que o espírito se eleve" (*Forma de viver* 5,1).

Cuidar da adoração divina:

"Assim como nosso objetivo é amar a Deus, nossa preocupação deve ser principalmente amar tudo o que está mais próximo a Ele, como sua adoração e louvor, e o uso dos sacramentos" (*Forma de Viver* 1,1).

Observar regras bem organizadas:

"Duas coisas são necessárias para a perfeita tutela da caridade: uma mente pronta e bem disposta e leis bem ordenadas. Deixando a prontidão da mente para Deus, que a inspira e encoraja, nós nos preocupamos com as leis" (*Forma de viver*, Prólogo 2).

Viver uma vida sóbria:

"Em tudo e em toda parte, que a pobreza lance raios de luz de vocês nos mosteiros" (*Forma de viver* 4,6).

Como o carisma agostiniano, o carisma agostiniano recoleto se encontra vivo naqueles que o vivem, isto é, naqueles que abraçam a vida comunitária sob a inspiração de Santo Agostinho e da Recoleção Agostiniana. Recordemos, uma vez mais, que o carisma é um dom do Espírito a ser vivido, para que aqueles que o vivem possam transmiti-lo às novas gerações como uma experiência de vida. Agora, o carisma agostiniano recoleto está vivo também nas fontes da espiritualidade agostiniana recoleta, começando pela *Forma de viver dos frades agostinianos descalços* escrita por frei Luis de León, e continuando com

todos os irmãos e irmãs que enriqueceram este carisma com seus carismas pessoais através de seus escritos e da santidade de suas vidas.

E ainda que mais adiante comentemos o que corresponde à espiritualidade agostiniano-recoleta, é oportuno assinalar que esta se concentra fundamentalmente nas fontes, especialmente as escritas, nas quais se comunica a experiência dos que viveram este carisma. E são fontes da espiritualidade agostiniano-recoleta porque contêm a experiência de santidade daqueles que abraçaram o carisma agostiniano recoleto e o viveram como caminho de santidade, tenham sido ou não canonizados pela Igreja. Naturalmente, a prioridade é dada aos santos oficialmente canonizados.

Como no caso do carisma agostiniano, recorremos a alguns exemplos de santos da família agostiniana recoleta que viveram de maneira excelente este carisma e que, em seu conjunto, ampliam os horizontes do carisma agostiniano recoleto. Mais uma vez nos servirá de ajuda a oração das Ladainhas Agostinianas de Raúl Díaz Corbo, entre as quais, neste caso, se incluem algumas outras que não são originais de seu autor, mas que conservam o mesmo estilo. Esses santos, ou aqueles que estão a caminho de se tornarem santos, encarnam vários dos traços da "recoleção" encarnados na *Forma de Viver dos frades agostinianos descalços*. São alguns dos que viveram o carisma agostiniano em um espírito recoleto:

- •Dê-me o *ardor por Cristo* de **Mariana de São José** para *abrir novos horizontes na contemplação* e na *busca comum* da única coisa necessária.
- •Dê-me a *paixão pela missão* de **Martin de São Nicolau e Melchior de Santo Agostinho**, a ponto de derramarem seu sangue por Cristo em terras de missão.
- •Dê-me a *coragem* de **Madalena de Nagasaki** para enfrentar as dificuldades sem medo.
- •Dê-me o *zelo missionário* de **Ezequiel Moreno** para proclamá-lo em todos os lugares e em todos os momentos.
- •Dê-me a *unidade* dos **mártires de Motril** para viver em uma comunidade que esteja pronta para dar testemunho de Cristo, até mesmo com sua própria vida.
- •Dê-me o *zelo pelos pobres e doentes* de **Maria de São José** para que eu dê o melhor de minhas energias a serviço dos marginalizados da sociedade.
- •Dê-me a *ousadia* de **Esperanza Ayerbe** para servir a Cristo nos pobres em missão ad gentes.
- •Dê-me o *espírito missionário* de **Ignacio Martínez e Mariano Gazpio** para cultivar o gosto e a disponibilidade para a missão.

- Dê-me a *devoção à Virgem Maria* de **Dionísia e Cecília Talangpaz** para mostrar ao mundo que todos os seres humanos têm uma Mãe única em Cristo Jesus.

4. A família carismática agostiniana recoleta

O carisma ou caráter próprio, como já havíamos assinalado no número 11 de *Mutuae relationes*, traz consigo um estilo particular de santificação, um apostolado, uma tradição típica, elementos objetivos que nos permitem identificá-lo e a possibilidade de poder reproduzi-lo. E, como também já havíamos insinuado, essa condensação de afirmações permite falar da especificidade de um carisma: da espiritualidade ou do estilo de santificação, da missão ou do apostolado, da história ou da tradição típica de um instituto religioso, e do itinerário de discipulado para viver na santidade através da experiência de seus elementos objetivos que, com a ajuda da graça, podem ser reproduzidos como experiência, mesmo em contextos e culturas diferentes.

Trataremos, agora, de duas dessas características específicas do carisma: a espiritualidade e o caminho de santidade. Não falaremos da tradição ou história típica de nossa família porque é algo que já está bastante bem trabalhado entre os agostinianos recoletos; além disso, tentar dizer algo sobre isso tornaria este artigo muito longo, indo além de seu propósito. Por outro lado, para aqueles que estão interessados em conhecer a história da Ordem, já existem muitos materiais impressos disponíveis nas bibliotecas das comunidades. E o mesmo pode ser dito com relação à missão e aos apostolados. Por isso, trataremos, agora, da espiritualidade agostiniana e agostiniano-recoleta, e do itinerário agostiniano recoleto de santidade.

a. Sua espiritualidade agostiniana

A espiritualidade cristã pode ser descrita como a vida no Espírito, ou seja, a vida do espírito humano no Espírito Santo. É por meio dessa vida no Espírito que o ser humano que crê experimenta a fé, o amor e a esperança. Assim, falar de espiritualidade é falar da própria vida como um todo; de toda a vida e de uma vida inteira vivida na face de Deus. Trata-se, portanto, da ação do Espírito Santo no coração humano que crê. Essa ação do Espírito Santo traz consigo um processo humano no qual a graça de Deus está em ação e que ocorre em um relacionamento pessoal entre a liberdade finita do homem e a liberdade infinita e compassiva de Deus.

Há uma disciplina teológica chamada "Teologia Espiritual", cujo objetivo básico e fundamental é estudar a "experiência espiritual cristã" na vida dos santos. A experiência de santidade é geralmente coletada em diferentes fontes referentes à vida dos santos. Essas fontes são estudadas com base no *método histórico-crítico*, que é o método próprio da teologia espiritual. Uma vez estudada a fonte, a experiência de santidade pode ser aproximada dos homens

e mulheres de hoje por meio de diferentes hermenêuticas ou novas linguagens interpretativas, com o objetivo de avançar em sua própria jornada de santidade.

Portanto, se a espiritualidade cristã é a vida do espírito do ser humano no Espírito, as espiritualidades cristãs - como a agostiniana, a teresiana ou a franciscana - manifestam a "*cor*" e o "*sabor*" com que se colore e se aromatiza a espiritualidade cristã comum. Nesse sentido, a espiritualidade agostiniana propõe um caminho que permite assimilar e incorporar à própria vida as notas características do carisma "agostiniano", não só como teoria, mas principalmente como experiência. O objetivo da espiritualidade é, portanto, induzir a uma experiência. No caso da espiritualidade agostiniana, ela consistirá em acessar a experiência da interioridade, da comunidade, da busca de Deus, da peregrinação em conjunto etc.

Desse ponto de vista, é tarefa da espiritualidade agostiniana, por um lado, aprofundar-se nas diferentes experiências espirituais dos santos da família, recolhidas principalmente em fontes escritas. E, por outro lado, apresentar essas experiências em novos moldes culturais que estejam mais em sintonia com a sensibilidade das pessoas de nosso tempo, a fim de inspirar nelas a beleza da vida cristã e o desejo de alcançar a santidade. Assim, se a espiritualidade em geral trata de diferentes temas da vida cristã, a espiritualidade agostiniana os aborda a partir da experiência espiritual de um ou mais santos da família.

A seguir, a título de exemplo, propomos diferentes fontes de espiritualidade agostiniana nas quais se recolhe a experiência espiritual de Santo Agostinho e de alguns outros santos agostinianos. O conjunto das fontes de espiritualidade e o exemplo de santidade formam o patrimônio espiritual de uma família; esse é seu principal tesouro carismático.

1. *The Confessions of Saint Augustine (As Confissões de Santo Agostinho).*
2. *Comentário de Agostinho sobre o Evangelho de João.*
3. *A vida de Santo Agostinho, escrita por São Posídio.*
4. *Sermão sobre o amor de Deus, por São Tomás de Vilanova.*
5. *Regra de vida cristã, de Santo Alonso de Orozco.*
6. *História da Ordem, de Santo Alonso de Orozco.*

b. Sua espiritualidade agostiniana recoleta

Assim como a espiritualidade agostiniana, a espiritualidade agostiniano-recoleta propõe um caminho que permite assimilar e incorporar à própria vida as notas características do carisma agostiniano recoleto, não só como teoria, mas, sobretudo, como experiência de vida. E o faz especificamente criando um ambiente propício, baseado nas características do carisma agostiniano

recoleta, tais como: a perfeição do amor, a liberdade afetiva, o governo dos próprios sentidos, a oração, o desapego, a vida sóbria, etc.

A espiritualidade agostiniana recoleta, como parte da espiritualidade cristã, se aprofunda nas diferentes experiências dos santos da família, recolhidas principalmente nas fontes escritas. E apresenta essas experiências espirituais em novos parâmetros culturais, talvez mais sintonizados com a sensibilidade de nosso tempo, a fim de inspirar nos cristãos de hoje uma vida no Espírito e um desejo de santidade. Assim, se a espiritualidade em geral trata de diferentes temas relacionados com a vida cristã, a espiritualidade agostiniana recoleta reflete sobre eles a partir da experiência espiritual de um ou mais santos agostinianos recoletos.

A seguir, alguns exemplos de diferentes fontes de espiritualidade agostiniano-recoleta, nas quais se reúne a experiência espiritual de alguns santos agostinianos recoletos, canonizados oficialmente ou não.

1. *O modo de vida dos agostinianos descalços*, de Frei Luís de Leon .
2. *Relatos de consciência*, da Madre Mariana de São José.
3. *The Mystical Theology of Augustine of St. Ildefonsus* [*A teologia mística*, de Agostinho de Santo Ildefonso].
4. *Lamentos de un pajarillo solitario*, de Andrés de San Nicolás.
5. *Tesouro espiritual*, de Justus do Espírito Santo.
6. *Os manuais para noviços*, de Buenaventura Santamaría (*El novicio instruido en el camino espiritual*, 1821), Ramón Miramón (*Instrucciones religiosas divididas en tres partes... todo para uso de los religiosos novicios de nuestro colegio de Monteagudo*, hacia 1885). E Marcelino Simonena (Manual do noviço agostiniano recoleta, em Monachil, 1924; já o havia composto em 1907).
7. *Cartas, Sermões e Pastorais* de Santo Ezequiel Moreno.

c. Sua jornada de santidade

Segundo o documento *Mutuae relationes*, o carisma, além de incluir um estilo particular de santificação, um apostolado e uma tradição típica, inclui também diferentes elementos objetivos que permitem identificá-lo, aceitá-lo, aprofundá-lo e desenvolvê-lo. O que se diz nesse documento fornece bases para se falar de um itinerário de discipulado que inspira e sugere o caminho concreto para alcançar a santidade própria do carisma agostiniano recoleta. Portanto, tratar-se-ia, com a ajuda da graça, de incorporar à própria vida espiritual os elementos objetivos do carisma, não só como noção teórica, mas como experiência concreta de vida.

Há vários anos, a Ordem dos Agostinianos Recoletos vem empreendendo um processo de revitalização e reestruturação. O esforço de reestruturação está dando frutos depois de muitos anos de esforço, dedicação e boa vontade por parte de seus membros. Entretanto, a revitalização tem sido mais difícil de empreender, talvez porque tenha menos a ver com a mudança das estruturas externas da instituição e mais com a renovação das mentes e dos corações das pessoas. É nisso que o Papa Francisco vinha insistido desde o início de seu pontificado como uma conversão pastoral, missionária e espiritual (cf. *Evangelii Gaudium* 25, 201). E recordemos que a *conversão* é uma parte dinâmica do carisma agostiniano recoleto.

É provável que uma das chaves para essa renovação pessoal tão desejada esteja relacionada à formação. A primeira área de formação e transformação do coração é, sem dúvida, o *Evangelho* de Jesus Cristo. Depois, no caso dos religiosos, há as *Constituições* e o *Código Adicional*. Para os membros das fraternidades seculares agostiniano-recoletas, há a *Regra de Vida* e os *Estatutos*. Para os jovens leigos agostinianos recoletos, há o *Itinerário das Juventudes Agostinianas Recoletas*. Há vários anos, fala-se, inclusive, de itinerários formativos. Nesse sentido, existe um novo Plano de Formação para a Ordem que é *ad experimentum*, o Programa de Formação Peregrina para as Fraternidades Seculares, os Manuais e Instruções para a etapa das Juventudes Agostinianas Recoletas e diversos materiais dirigidos às Mães Cristãs de Santa Mônica.

Devido ao impacto que se espera que tenha na formação e revitalização dos religiosos agostinianos recoletos, farei referência ao novo Plano de Formação da Ordem. Esse projeto é uma resposta às mudanças que estão ocorrendo na Igreja e, por sua vez, busca levar em conta as novas condições sociais em que vivemos. Nesse sentido, a Ordem está fazendo um esforço para incorporar a novidade de Deus ao carisma agostiniano recoleto. Por isso, já está em circulação um instrumento de trabalho intitulado *Redi ad cor et inde ad Deum, Retornar ao coração e, portanto, a Deus*. Este Plano de Formação é uma proposta que substitui o plano anterior, *Studium sapientiae, Estudo da sabedoria*.

Certamente devemos reconhecer e agradecer a riqueza para a formação introduzida na época pelo *Studium Sapientiae*, publicado em 1987. No entanto, a novidade do *Redi ad cor* está no fato de situar o itinerário formativo não mais no "*estudo*" da sabedoria e da Sabedoria - o próprio Deus - mas no retorno ao coração. Esse *retorno ao coração* concentra o compromisso de "*fundar*" um "*coração sábio*" como um modo de vida. Assim, o *Redi ad cor* chama a pessoa em formação a retornar ao próprio coração e, a partir daí, das profundezas do coração, ir em direção a Deus na comunidade de irmãos e irmãs. É um caminho que, em princípio, *expõe* a pessoa à constante conversão e transformação do coração.

Algumas mudanças profundas propostas no novo plano de treinamento *Redi ad cor* são as seguintes. A formação inicial é uma função da formação

permanente. A formação é entendida como um processo integral e gradual, que permite que a pessoa amadureça constantemente em sua vocação. A formação é no carisma e a partir do carisma. O acompanhamento é de importância central não apenas para o momento da formação inicial, mas, sobretudo, para a formação permanente. O eixo transversal desse itinerário está na transformação do coração no estilo de Santo Agostinho e no desejo de recolhimento. E, finalmente, destaca-se que a vocação é, em si mesma, orientada para a missão.

Consideraremos, agora, os elementos carismáticos e espirituais desse itinerário formativo apresentado no Plano de Formação *Redi ad cor*. É preciso assinalar que esta forma de organizar em um único itinerário a experiência espiritual de Santo Agostinho, por um lado, e os elementos essenciais do carisma agostiniano e do carisma agostiniano recoleto, por outro, é o resultado de um longo caminho de reflexão e pesquisa, de investigação e formação, de diálogo e discernimento por parte dos formadores da Ordem, coordenados pelo Secretariado Geral e pelos Secretariados Provinciais de Formação Inicial e Permanente. Esse projeto está em andamento há mais de quinze anos.

I. A sabedoria das sabedorias

O itinerário se concentra em três sabedorias: sabedoria da *interioridade*, sabedoria da *comunidade* e sabedoria da *eclesialidade*. A busca da sabedoria é a grande paixão agostiniana que permite que o coração humano se concentre no que realmente vale a pena. Buscar a sabedoria é, em última análise, buscar a Deus; é por meio da sabedoria que se encontra a verdade, a bondade, a beleza e uma vida feliz. Deus é a fonte da sabedoria e a origem de toda experiência espiritual, o cumprimento das promessas que guardam toda vocação e a luz que ilumina o caminho do peregrino. Ainda mais, Cristo é a Sabedoria de Deus que habita no homem como Luz e Mestre; aquele que revela o caminho que leva ao próprio coração, ao coração do irmão e ao coração do Povo de Deus, que é a Igreja.

A sabedoria, na jornada espiritual, manifesta-se como a maneira pela qual vivemos três experiências fundamentais: o encontro profundo consigo mesmo (interioridade), a vida fraterna em comunidade e o serviço generoso aos outros. Essas três formas de sabedoria também expressam três dimensões afetivas que guiam os passos do coração inquieto e o impulsionam a crescer humana e espiritualmente. Referimo-nos ao amor a Deus, ao amor aos irmãos e irmãs na comunidade e ao amor que se torna serviço, especialmente por meio do acompanhamento e da formação da fé. Essas três sabedorias estão no centro da experiência do carisma agostiniano recoleto e acompanham todo o seu processo formativo. Em suma, são três dinamismos que envolvem profundamente a pessoa em sua vida de fé e a convidam a viver plenamente sua vocação. Vamos falar brevemente sobre cada um deles.

1. Sabedoria da interioridade

A sabedoria da interioridade refere-se ao dinamismo próprio da vida humana, ao lema vivificante que, das profundezas do coração, encoraja a pessoa a viver de acordo com sua essência e identidade mais profundas, *"no coração sou o que sou"* (cf. Santo Agostinho, *Confissões* 10,4). O bispo de Hipona é um mestre extraordinário da sabedoria da interioridade. É por isso que ele mesmo oferece sua experiência de interioridade a todos os que buscam a felicidade, para que vivam sua peregrinação a partir de dentro, a partir das profundezas de si mesmos e do Deus que habita nas profundezas de si mesmos, os ilumina, ensina e guia.

"Volte-se para o coração [redi ad cor]; veja ali o que você talvez sinta por Deus: ali está a imagem de Deus. Cristo habita em seu interior, e no homem interior, você será renovado de acordo com a imagem de Deus; conheça seu Criador à sua imagem" (Santo Agostinho, *Tratado sobre o Comentário do Evangelho de João* 18:10).

As *Constituições* da Ordem dos Agostinianos Recoletos indicam, no número 8, que o elemento primordial do patrimônio de Santo Agostinho e da Ordem é a contemplação, que é *"a vida sob a proteção de Deus, a vida com Deus, a vida recebida de Deus, a vida que é o próprio Deus"* (Santo Agostinho, *Sermão* 297,8). Pois bem, o acesso a essa contemplação se dá pelo caminho da interioridade. Para a espiritualidade agostiniana e agostiniano-recoleta, o caminho do retorno ao coração é o caminho que permite o acesso à vida de Deus, à vida com Deus e à vida de Deus. Assim, o amor contemplativo concentra a sabedoria da interioridade, pois *"aquele que entra em si mesmo e entra em Ti, e entra na alegria de seu Senhor, não temerá e se encontrará muito bem no Sumo Bem"* (Santo Agostinho, *Confissões* 2,18).

A sabedoria da interioridade pode ser vivida com um matiz particular do espírito recoleto. Evidentemente, o recolhimento não corresponde a uma quarta sabedoria, mas ao espírito que afeta, anima e impulsiona o processo da interioridade agostiniana. Nessa perspectiva, a interioridade é vivida com espírito recoleto quando há espaço para o silêncio, o recolhimento, a oração prolongada, o governo dos próprios sentidos e a liberdade do afeto por amor. Peregrinar ao próprio coração, peregrinar ao coração de Deus e peregrinar ao coração dos irmãos e da Igreja exige contemplar as verdades interiores, as verdades eternas e as verdades alternativas, ou seja, a maneira de ver as coisas que os outros têm.

2. Sabedoria comunitária

A *sabedoria da comunidade* inclui a dimensão comunitária da vida fraterna. Trata-se de viver o mundo das relações interpessoais de maneira ordenada,

ou seja, amando a Deus e, em Deus, os irmãos (cf. Santo Agostinho, *Doutrina Cristã* 1,27,28). A sabedoria da comunidade nos indica o caminho adequado do amor cristão no relacionamento com os outros, particularmente com aqueles com quem compartilhamos nossa vida diária. Ela também nos ajuda a tomar consciência das expressões do egoísmo humano que impedem a experiência real e concreta do amor. É, portanto, uma questão de crescer no amor a Deus e, por meio de Deus, aos outros, e de receber a graça de rejeitar todas as formas de dominação e controle sobre os outros.

Para Santo Agostinho, nós, cristãos, somos peregrinos rumo à cidade de Deus e não fazemos a jornada sozinhos, mas em uma comunidade de irmãos e irmãs. Juntos, ajudamos uns aos outros e, como o bispo de Hipona ressalta, o mais rápido deve esperar pelo mais lento, porque não se trata de uma corrida, mas de uma peregrinação no amor, em que o importante é viver ligado pela caridade: *"aquele que chegou primeiro esperará para ser coroado com o último". Essa competição não é empreendida pela ganância, mas pela caridade. Todos os que correm amam-se uns aos outros, e esse mesmo amor é a corrida*" (Santo Agostinho, *Comentário ao Salmo 39:11*). O mesmo santo do coração inquieto nos dá uma pista importante para entender o espírito que deve animar a vida fraterna em comunidade:

"Isso é o que deve ser sempre pensado, meditado, lembrado, praticado e cumprido. O amor a Deus é a primeira coisa a ser ordenada, e o amor ao próximo é a primeira coisa a ser praticada. O amor ao próximo limpa os olhos para ver Deus" (Santo Agostinho, *Comentário sobre o Evangelho de João 17,8*).

O carisma e a espiritualidade recoleta nos chamam não apenas a voltar ao nosso próprio coração, mas também a peregrinar ao coração de nossos irmãos e irmãs. O fundamento da comunidade é que Deus pode ser encontrado em nosso próprio coração, sim, mas ele também quer ser encontrado e servido nos irmãos, porque ele também está presente neles. Com a sabedoria nascida da experiência, Santo Agostinho diz: *"Que ninguém se iluda de que pode alcançar a felicidade, nem Deus, objeto de seu amor, se desprezar seu irmão"* (Santo Agostinho, *Costumes da Igreja Católica* 1,26,51). E também: *"Amai vosso irmão, porque se amardes o irmão que vedes, nele vereis também a Deus; porque vereis o próprio amor, e Deus habita no amor"* (Santo Agostinho, *Comentário à Carta de São João 5,7*).

As *Constituições* da Ordem assinalam, no número 15, que a comunidade, segundo a intenção de Santo Agostinho, pretende imitar a primitiva comunidade cristã de Jerusalém (cf. At 4,32-35): *"Vai ser lida para vocês uma passagem do livro dos Atos dos Apóstolos, para que vejam onde está descrita a forma de vida que desejamos viver plenamente [...] Vocês sabem o que queremos: rezem para que possamos colocá-lo em prática"* (Santo Agostinho, *Sermão 356*, 1-2).

Que os irmãos vivam entre si em unidade e concordância no mesmo Espírito, pelo qual são uma só alma e um só coração em Deus e para Deus (cf. Santo Agostinho, *Regra* 1,2), "*o amor chegou, e com ele a unidade dos irmãos*" (Santo Agostinho, *Comentário ao Salmo* 132,2).

A Forma de Viver dos frades agostinianos descalços contém ricos matizes sobre a dimensão comunitária da vida fraterna, que preparam o novo espírito com que se devem viver as relações comunitárias. Aparece com frequência a referência ao "*estar juntos*" (cf. *Forma de Viver* 10,3; 11,3; 12,2) para recriar-se e recriar a comunidade (cf. *Forma de Viver* 9,2). Ela incorpora cuidadosamente a caridade fraterna como um aspecto importante da vida comunitária (cf. *Forma de Vivir Prólogo* 1; 1,1; 2,1-3.), como o bispo de Hipona a havia proposto aos servos de Deus que desejavam viver em comunidade (cf. Santo Agostinho, *A Regra* 5,2). Poder-se-ia dizer que a versão recoleta do carisma agostiniano manteve, na medida do possível, um estilo de cordialidade e familiaridade nas relações comunitárias.

3. Sabedoria da eclesialidade

Cristo, a Sabedoria do Pai, encarnou-se para redimir a humanidade. E o Cristo encarnado prolonga sua ação salvadora através da Igreja (cf. Santo Agostinho, *A cidade de Deus* 10,29). A comunidade recoleta está inserida no corpo de Cristo, que é a Igreja. Através da concórdia dos irmãos, Cristo entra na vida da comunidade e nela permanece; os irmãos são pedras vivas do Templo de Deus (cf. Santo Agostinho, *Sermão* 272,1). Os irmãos se reúnem em comunidade a fim de se enraizarem mais profundamente no tecido pluralista da Igreja (cf. Santo Agostinho, *Comentário ao Salmo* 44,24). E sua identidade é ser servidores, especialmente dos membros mais necessitados (cf. Santo Agostinho, *O trabalho dos monges* 29,37).

Santo Agostinho se sentia um peregrino caminhando com outros peregrinos em direção à pátria celestial; um membro do Povo de Deus em peregrinação "*entre as perseguições deste mundo e as consolações de Deus*" (Santo Agostinho, *A cidade de Deus* 18,59,2). Para o santo, a condição de ser peregrino abre-se a um forte senso de Igreja. Há irmãos e irmãs que nos precederam no caminho da fé e formaram a Igreja peregrina de outrora, e que agora são membros da Igreja triunfante. Alguns deles merecem atenção especial porque viveram sua vida cristã com grande determinação; eles são os santos. E também haverá outros que serão batizados e se tornarão membros vivos do Cristo Total. Santo Agostinho deu vida a essa maneira de conceber a Igreja, como nos diz seu primeiro biógrafo:

"Deixou para a Igreja um clero muito abundante e mosteiros cheios de religiosos e religiosas, com sua devida organização, junto com uma biblioteca abastecida com seus livros e tratados, e os de outros santos. E neles se reflete a singular grandeza desse homem dado por Deus à Igreja, e neles os fiéis o encontram sempre vivo" (Posídio, *Vida de Santo Agostinho* 31,8).

A sabedoria da eclesialidade abrange, portanto, a experiência do amor real e concreto que se torna serviço na Igreja, especialmente entre os mais pobres e necessitados. A comunidade recoleta é chamada, por seu próprio carisma, a alargar seu coração e a abraçar o católico, o universal, ou seja, a *sentir com a Igreja*. Os membros da comunidade devem estar disponíveis para servir a Igreja sem colocar seus próprios interesses acima dela. Assim se expressa o Bispo de Hipona: "*Não anteponha sua contemplação às necessidades da Igreja, pois se não houvesse bons ministros decididos a assisti-la quando ela dá à luz, você não teria encontrado os meios para nascer*" (Santo Agostinho, *Carta 48,2*).

As *Constituições* da Ordem falam do amor difusivo e indicam que "*o amor contemplativo, além de unir as almas e os corações em comunidade, é em si mesmo difusivo e apostólico*" (*Constituições 23*). A sabedoria da interioridade e a sabedoria da comunidade fazem a sabedoria da eclesialidade, pois permitem àquele que volta ao seu coração e nele encontra Deus, servi-lo em seus irmãos de comunidade e nos irmãos da comunidade maior, que é a Igreja. Um agostiniano recoleto que vive o carisma não pode deixar de ser um evangelizador generoso, porque leva dentro de si o amor, cuja essência é dar e comunicar, difundir e acender nos outros o amor de Deus (cf. Santo Agostinho, *Sermão 90,10*). Assim, a interioridade e a união do coração se tornam missão na Igreja (cf. *Constituições 23*).

A Forma de Viver dos agostinianos descalços praticamente não fala sobre esse ponto. Entretanto, a disposição dos frades de ir para terras de missão tornou evidente que esse modo de vida mais recolhido estava longe de ser contraditório com o serviço à Igreja. As Filipinas foram o primeiro cenário para os missionários recoletos. O primeiro prior provincial, frei Juan de San Jerónimo, recebeu do rei Felipe III a oferta para ser bispo de San Cristóbal de Chiapas (México). Mas esse frade respondeu ao rei que, em troca de tal graça, preferia que lhe fosse concedido chefiar uma missão "em novas terras". O monarca escolheu as Filipinas e o encarregou de liderar uma expedição de quatorze religiosos agostinianos recoletos, treze dos quais chegaram ao arquipélago em maio de 1606. A mesma aventura foi repetida cem vezes por outros frades agostinianos recoletos.

Antes de concluir a sabedoria da eclesialidade, faremos uma breve alusão à dimensão ministerial do carisma agostiniano recoleto. A projeção pastoral dos agostinianos recoletos ao longo de sua história se desenvolveu de maneira flexível, adaptada às circunstâncias do momento e aos apelos da Igreja. Santo Agostinho começou como monge. Mais tarde, seguindo um chamado da Igreja, foi ordenado sacerdote e depois bispo, sem, contudo, renunciar à expressão monástica que lhe era possível nessas formas de serviço pastoral. Depois de um longo período de desaparecimento da vida monástica agostiniana, em 1256, agora com ares de eremita, nasceu a *Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho*. No entanto, é preciso ter em mente que a Ordem de Santo Agostinho nasceu com o objetivo de abandonar o eremitismo e aceitar o modelo mendicante, que tinha no apostolado um de seus principais objetivos. Aqui o protótipo do religioso era o frade conventual, que assumia algumas tarefas pastorais sem prejuízo da vida regular.

Em 1588, na Espanha, e em 1604, na Colômbia, o carisma agostiniano foi renovado e nasceram os agostinianos recoletos. Com o encontro entre as culturas europeia e mesoamericana, surgiu um novo contexto da Igreja que impulsionou a evangelização em novas terras. Assim, no ano de 1606 os recoletos da Espanha já estavam missionando nas Filipinas e, de 1626 a 1638, em Urabá, Darién e Chocó (Colômbia); as planícies de Casanare (Colômbia) foram alcançadas em 1662. A forma mais comum de ministério para os missionários recoletos era o trabalho pastoral em prelaças e, mais especificamente, em paróquias. Isso levou à necessidade de poder contar com religiosos clérigos para o trabalho pastoral. Esse foi o caso até 1939, quando nos abrimos para o campo da educação. Esse novo cenário de ação pastoral mudou em parte a fisionomia da Ordem.

E no início deste século nasceram os Centros de Espiritualidade Agostiniana Recoleta - CEARs - como um novo ministério de evangelização. Nesses centros, os leigos estão tendo um impacto especial. Ali se fala naturalmente da sabedoria da interioridade, da comunidade e da eclesialidade, do acompanhamento, das experiências agostinianas de Deus, das oficinas de oração, etc. Esta plataforma de evangelização está fazendo com que o carisma agostiniano recoleto entre em novos cenários pastorais. Isso está ampliando os horizontes da própria tradição espiritual agostiniano-recoleta.

II. Espiritualidade em segundo plano

Faremos agora uma pausa para considerar as notas distintivas da espiritualidade agostiniano-recoleta que estão implícitas no itinerário que estamos apresentando. Este itinerário carismático tem como objetivo inspirar e fomentar o caminho de santidade próprio do carisma agostiniano recoleto. O objetivo é que, com a ajuda da graça, os membros da família agostiniano-recoleta incorporem em sua própria experiência de vida espiritual os elementos objetivos do próprio carisma, não só como teoria, mas como experiência concreta de vida; só assim será possível fazer do carisma uma forma de vida. No Plano de Formação Redi ad cor, reúnem-se três notas distintivas da espiritualidade agostiniano-recoleta: o amor como fonte de tudo, a Palavra de Deus como alimento e a Igreja como lar. Vamos nos referir agora a cada uma delas.

O amor é a fonte do dinamismo da vida interior do agostiniano recoleto. Santo Agostinho era apaixonado pelo amor; a força motriz de sua vida girava em torno de *"amar e ser amado"* (Confissões 2,2). E o repete mais quatro vezes: *"Eu ainda não amava, mas amava amar"* (Conf. 3,1), *"procurava o que amar, amando amar"* (Conf. 3,1), *"amar e ser amado era o mais doce para mim, especialmente se eu pudesse desfrutar do corpo do amante"* (Conf. 3,1), e *"também caí no amor em que desejava ser recebido"* (Conf. 3,1). E quase no final de suas Confissões: *"Por amor ao teu amor, ó Deus, faço o que faço"* (Conf. 11,1).

Para o bispo de Hipona, o alimento mais nutritivo para a vida espiritual é a Palavra de Deus: *"Tuas Escrituras são minhas castas delícias: que eu não*

me engane nelas, nem por elas engane os outros" (Conf. 11,3). E também: "Vê que a tua voz é a minha alegria; a tua voz está acima de toda a abundância de prazeres. Dá-me o que amo, porque já amo, e este é o teu dom" (Conf. 11,3). Ele comenta: "Confessar-te-ei tudo o que descobrir nos teus livros, e ouvirei a voz de louvor, e beberei de ti, e considerarei as maravilhas da tua lei desde o princípio" (Conf. 11,3). E ele também acrescenta: "Eis que, ó Pai, olha, e vê, e aprova, e que seja aceitável em tua misericórdia que eu possa encontrar graça aos teus olhos, de modo que as partes mais íntimas de tuas palavras possam ser abertas aos meus apelos" (Conf. 11,4). Finalmente, um dos textos mais representativos de sua relação com a Palavra de Deus é este: "Não com conhecimento duvidoso, mas com certeza, Senhor, eu te amo. Tu feriste o meu coração com a tua palavra e eu te amo" (Conf. 10,8).

Finalmente, com relação à Igreja como lar, Santo Agostinho diz: *"A Igreja, irmãos, é a pousada do viajante, onde os feridos são curados durante esta vida mortal; mas lá em cima ela tem em depósito a posse da herança"* (Santo Agostinho, *Tratado sobre o Evangelho de São João* 41,13). E na mesma obra ele diz mais adiante: *"O redil de Cristo é a Igreja Católica. Quem quiser entrar no redil, entre pela porta, confesse o verdadeiro Cristo"* (Santo Agostinho, *Tratado sobre o Evangelho de São João* 45,5). Outro belo texto seu: *"A casa de Deus é a Igreja; ainda contém pessoas más, mas a beleza da casa de Deus reside nos bons; encontra-se nos santos"* (Santo Agostinho, *Comentário ao Salmo* 25,2,12). E, finalmente, comenta em um de seus sermões: *"Ninguém pode ser propício a Deus Pai se despreza a mãe Igreja"* (Santo Agostinho, *Sermão* 255A).

III. Constantes de vida agostinianas

Em algum momento, falamos dos traços do carisma de Santo Agostinho e os exemplificamos com alguns textos de sua grande obra. Aqui só mencionamos aqueles traços que ainda não estão explicados nas três sabedorias e nas notas distintivas da espiritualidade agostiniano-recoleta. Esta opção é uma forma de organizar harmonicamente os principais elementos do carisma agostiniano recoleto, fruto de anos de pesquisa e reflexão. Por que sinais vitais? Os sinais vitais são os sinais certos de que há vida. Pois bem, falando da vida interior, as constantes vitais são aquelas que mantêm vivo o coração no caminho da fé, da esperança e do amor. Aqui estão algumas dessas constantes vitais: inquietação, busca e descoberta, desejo de Deus, conversão do coração, amor à amizade, desejo de felicidade, humildade, ser peregrino e confissão de fé, de pecados e de louvor.

IV. Revitalização dos núcleos recoletos

Estes são os núcleos dinâmicos da vida interior que se originam especificamente da tradição recoleta. Já foram mencionados e exemplificados quando falamos especificamente do carisma agostiniano recoleto. Por isso,

nos limitaremos a enumerá-los: tender à perfeição da caridade para com Deus e para com os irmãos, viver o silêncio e a oração prolongada, cultivar o governo dos próprios sentidos, crescer na liberdade interior, cuidar do desapego das coisas e abraçar a disponibilidade para a missão. Deve-se dizer que essa maneira de propor os elementos acima mencionados não está incluída no Plano de Formação *Redi ad cor*.

5. Viver o carisma com esperança

A experiência subjetiva de Deus é um conhecimento que equivale a uma forma completa, adequada e totalizante da realidade. Por meio da experiência religiosa, a "realidade divina" é conhecida, acima de tudo, como verdade; uma verdade existencial, vital e significativa. A experiência de Deus corresponde a uma experiência de saída de si mesmo que, por sua vez, permite que o crente entre no Mistério do real, do definitivo e do estável. Assim, ter uma experiência espiritual é ter saboreado algum aspecto surpreendente do mistério do divino. Nesse sentido, o que se segue é uma série de experiências agostinianas de Deus que, em princípio, permitiriam à pessoa aceitar o carisma, vivê-lo, aprofundá-lo, desenvolvê-lo e doá-lo à Igreja. Estas experiências estão organizadas em dois grupos, o primeiro referente às próprias da espiritualidade agostiniana e o segundo, às da espiritualidade agostiniana recoleta.

a. Da espiritualidade agostiniana

- ✓ O encontro com o Mestre interior por meio do processo de interioridade.
- ✓ O reconhecimento da verdade de si mesmo no encontro com Cristo, como a espinha dorsal de uma identidade profunda e radical.
- ✓ Uma leitura crente da vida que permite interpretar o significado de sua própria existência à luz da Palavra de Deus.
- ✓ A disposição interior para se abrir além dos limites de sua própria criatura e, assim, dar um significado transcendente à vida.
- ✓ Cultivar relacionamentos autênticos e profundos na comunidade por meio da amizade, criando laços que ajudam a crescer e a corrigir inclinações egocêntricas.
- ✓ Viver a própria humanidade com humildade para ser capaz de conduzir-se na verdade e ser paciente diante das limitações próprias e alheias.
- ✓ Estar profundamente envolvido no dinamismo da conversão do coração, que consiste em morrer para si mesmo a fim de nascer constantemente para um novo projeto de humanidade em Cristo.
- ✓ Colocar os próprios dons generosamente a serviço dos outros para dar a vida pela comunidade e pela Igreja, especialmente pelos mais pobres.

b. Da espiritualidade agostiniana recoleta

- ✓ Buscar a perfeição do amor, que é o que torna possível intensificar a vida cristã e, conseqüentemente, a vocação particular.
- ✓ Esforçar-se, com todo o afeto de nosso coração, para fazer aquilo que mais nos inflama em nosso amor por Deus e por nossos irmãos e irmãs, como a celebração dos sacramentos, a oração, o estudo, as práticas devocionais, etc.
- ✓ Procurar nutrir a caridade por meio do encontro com a Palavra, que é a fonte de inspiração para um amor livre, uma fé forte e uma esperança alegre.
- ✓ Moderar, por meio da autonegação, essas dinâmicas egocêntricas a fim de alcançar o desapego das coisas e a transparência de intenções nos relacionamentos interpessoais.
- ✓ Abraçar, com disponibilidade, qualquer tipo de serviço à comunidade e à Igreja.

6. Links agostinianos e agostinianos recoletos

O carisma agostiniano une em si uma série de famílias religiosas masculinas e femininas na grande família agostiniana, entre as quais se encontra a nossa família recoleta. Neste sentido, é alentador constatar que este carisma está vivo e que é de grande riqueza para a vida da Igreja. Da mesma forma, as famílias religiosas agostinianas, como a recoleta, o vivem com diferentes matizes que o tornam ainda mais rico. Além disso, é um sinal de esperança que praticamente todos os ramos da vida religiosa da família agostiniana tenham vinculado os leigos à vivência do carisma. Portanto, a família agostiniana é uma grande família carismática, e a Igreja universal se beneficia muito com ela.

Quando falamos da especificidade dos agostinianos recoletos, começamos por dizer que o *espírito recoleto* atuou sobre um carisma já existente. Portanto, não se originou do zero, mas tomou forma a partir do desejo de viver com maior perfeição o carisma que já havia sido abraçado. Esse anseio por uma vida religiosa "mais perfeita" veio do movimento franciscano italiano de estrita observância dos séculos XIV e XV, que chegou à península Ibérica no início do século XVI. E também estava em dívida, embora em menor grau, com as disposições disciplinares do Concílio de Trento para a reforma da vida religiosa. Foi nesse contexto que o Espírito inspirou a renovação do carisma agostiniano. E ele se consolidou como um anseio de ser mais amante da perfeição monástica.

O carisma agostiniano e o carisma agostiniano recoleto têm, portanto, raízes comuns e traços semelhantes. No entanto, é preciso dizer que, ao longo da história da família agostiniana recoleta, esse vínculo com o agostiniano adquiriu vários matizes. Em poucas palavras, no início havia uma forte

dependência, que logo deu lugar a conflitos sobre se alguém pertencia a uma família ou a outra. Houve momentos de tensão que levaram a separações forçadas. Durante muitos anos, houve uma independência minimamente supervisionada por parte dos agostinianos. E, finalmente, chegou-se ao momento da separação completa e da autonomia jurídica dos agostinianos recoletos. Mais recentemente, chegamos à colaboração mútua e à criação de laços de amizade.

Portanto, o vínculo dos agostinianos recoletos com a família agostiniana é de amizade, ajuda mútua e cooperação. De nossa parte, nós, agostinianos recoletos, também nos organizamos como uma família carismática propriamente dita, que cresceu na Igreja como uma árvore frondosa com vários ramos. Assim, os institutos religiosos femininos, ramos desta nova árvore, além de manter laços de amizade, cultivam com a Ordem vínculos jurídicos e uma aliança de ajuda mútua e colaboração. E em nossa família carismática agostiniano-recoleta, muitos leigos mantêm, por um lado, vínculos de amizade com a Ordem e, por outro, alguns deles se vinculam mediante renovação de suas promessas batismais. Trata-se de uma aliança de ajuda mútua e colaboração em diferentes âmbitos da vida, especialmente na vida espiritual.

Finalmente, no que diz respeito à vivência do carisma agostiniano, gostaria de deixar claro, nesta reflexão, que não se trata de identificar quem o vive melhor, os agostinianos ou os agostinianos recoletos. Do fato de que há matizes na vivência dos traços do carisma agostiniano tanto por parte dos agostinianos como dos agostinianos recoletos, não se segue que a vivência desses traços represente, em si mesma, uma qualidade diferente em relação ao carisma agostiniano. Portanto, viver com empenho e com a ajuda da graça o próprio carisma deve nos levar, além das nuances, a ser santos, tanto agostinianos como agostinianos recoletos. A experiência da santidade é o que indica a beleza da diversidade, que é uma riqueza para todos.

Ambas as famílias continuam a produzir exemplos de santidade, que é a razão fundamental pela qual o Espírito Santo dá origem aos carismas na Igreja. Em vez disso, é uma questão de cada família responder com alacridade ao dinamismo de renovação e santidade a que seu carisma a chama. E não há dúvida de que todas as famílias carismáticas foram e continuam sendo chamadas pelo Espírito para renovar a vivência de seu próprio carisma.

Em vários círculos, surge a pergunta sobre qual será o futuro das várias famílias religiosas sob o carisma agostiniano. É difícil prever. É claro que o Espírito Santo, que é quem faz surgir os carismas e os mantém vivos, pode agir como uma surpresa. No entanto, qualquer tentativa de unidade em uma única e exclusiva família jurídica entre agostinianos e agostinianos recoletos, seja na versão masculina ou na feminina, não será apenas o resultado de especulações teóricas, nem de eflúvios de entusiasmo, nem mesmo de uma estratégia de sobrevivência. Terão que existir fatores claros e convincentes de sentido de Igreja, de busca compartilhada da vontade de Deus, de escuta do Espírito Santo e de processos institucionais de muita reflexão e discernimento.

A pergunta seria para quê... Para ser um sinal de unidade? Para sermos mais eficazes e operativos em nossa evangelização? O que não fizemos em particular, não o faremos em geral. Para preservar melhor o carisma agostiniano? Ninguém pode nos assegurar que essa é a melhor maneira de fazê-lo.

7. Peculiaridades do carisma agostiniano recoleto

Sem querer nos vangloriar nem nos comparar com nossos irmãos agostinianos, apresentamos algumas peculiaridades com as quais nós, agostinianos recoletos, vivemos o carisma de Santo Agostinho. Essas peculiaridades se devem, em grande parte, ao *espírito recoleto* com que entendemos e desejamos viver o carisma agostiniano.

- ✓ A maneira de ler Santo Agostinho. Nós, agostinianos recoletos, nos concentramos mais em sua experiência de vida interior - a interioridade - e em seu processo humano de fé - *a transformação* - do que em sua teologia. Isso não significa que ela não seja conhecida, nem que os agostinianos não considerem a interioridade e a dinâmica da conversão em Santo Agostinho. Trata-se apenas de uma questão de enfoque e ênfase.
- ✓ A dinâmica do coração de Agostinho é frequentemente utilizada para compreender sua experiência de Deus e para tornar possível novas experiências agostinianas de Deus. Assim, entre os agostinianos recoletos, faz-se muito mais uso de Agostinho em sua experiência espiritual cristã do que em sua doutrina teológica.
- ✓ É convicção arraigada que nas comunidades agostiniano-recoletas se cultiva um tipo de relação interpessoal simples, afável, singelo e autêntico. Isso não significa que a convivência seja menos complexa e que não existam conflitos e tensões na vida comunitária, inclusive situações dignas de pesar.
- ✓ As presenças dos agostinianos recoletos são lugares de encontro, proximidade e familiaridade, onde a fé é compartilhada de forma mais personalizada. As comunidades estão inseridas nas igrejas locais e contribuem com sua riqueza e recebem dela a sua própria, de modo que se pode sentir um sentido de Igreja.
- ✓ Finalmente, a evangelização é concebida como um serviço determinado na iniciação e no aprofundamento da fé, no qual se proclama, acima de tudo, o Cristo Total, encarnado, humilde e peregrino. A experiência de fé nas comunidades agostiniano-recoletas costuma ser bastante cristocêntrica.

CONCLUSÕES

Concluímos este ensaio sobre como viver o carisma agostiniano recoleto com esperança, tentando responder brevemente a três perguntas:

1. Quais são os motivos de esperança para viver o carisma "agostiniano recoleto"?

Há muita vida em torno do carisma agostiniano recoleto. Foi organizado na Igreja como uma grande família carismática, composta por religiosos, religiosas e leigos jovens e adultos. Os institutos de vida religiosa que formam essa família, além da Ordem dos Agostinianos Recoletos, são as Irmãs Agostinianas Recoletas de vida contemplativa, as Irmãs Agostinianas Recoletas, as Irmãs Agostinianas Recoletas do Coração de Jesus, as Irmãs Missionárias Agostinianas Recoletas, as Irmãs Agostinianas Recoletas dos Enfermos e, recentemente, as Irmãs de São Tiago. E entre os leigos estão as Fraternidades Seculares Agostiniano-Recoletas, o Movimento Juvenil Agostiniano Recoleta (MEAR) e as Mães Cristãs de Santa Mônica, que rezam por seus filhos e maridos.

Nossa família carismática é uma pequena parte da Igreja que é dinâmica, comprometida com a missão, gerando projetos e atenta aos sinais dos tempos. É um lugar de fraternidade, amizade e busca compartilhada de Deus. É um lugar de acolhida, de relacionamentos calorosos, de alegria e espontaneidade. Sempre disponível para servir a Igreja. Aberto a continuar crescendo, a acompanhar e a se deixar acompanhar, a formar os outros e a buscar sua própria formação contínua. Um ambiente vocacional em que as preocupações são compartilhadas e caminha junto na elaboração de respostas. Expressão de uma espiritualidade rica, com um protagonismo e uma liderança dos leigos cada vez mais determinados e comprometidos.

2. O que o Espírito Santo está pedindo para vivermos o carisma com esperança?

O carisma está impelindo a nossa família carismática agostiniano-recoleta a colocar em prática sua força profética, precisamente pelos valores de humanidade e do Evangelho que nos inspira e desperta na Igreja e na sociedade. Assim, o carisma agostiniano recoleto está chamado a converter-se em um ponto de encontro para muitos dos que estão em sintonia com ele, crentes e não crentes. Pela mesma razão, ser um lugar de enriquecimento mútuo. O Papa Francisco, falando sobre os carismas, disse: "*Não são um patrimônio fechado, dado a um grupo para que o guarde; ao contrário, são dons do Espírito integrados no corpo eclesial, atraídos para o centro que é Cristo, de onde são canalizados para um impulso evangelizador*" (Evangelii Gaudium 130). Portanto,

é provável que o Espírito Santo esteja nos pedindo para estimular o poder de evangelização de nosso próprio carisma.

3. Qual é a projeção do carisma "agostiniano recoleto" para o futuro?

As comunidades agostiniano-recoletas que aceitam sua responsabilidade de ser mediadoras no Espírito de sua própria espiritualidade permitirão que o carisma continue vivo na Igreja. Nesse contexto de comunhão, missão e participação da Igreja, espera-se que o Espírito Santo conduza os irmãos e irmãs ao coração do Povo de Deus. É nessa perspectiva que aprofundaremos nossa identidade de pessoas consagradas como cristãos que estão no mundo, no coração do povo, abrindo portas para a novidade, o amor e a bênção de Deus.

O carisma agostiniano recoleto terá futuro quando, uma vez mais, nos capturar por dentro, nos possuir e nos integrar à dança das relações da Igreja. Será difícil que o carisma permaneça vivo e palpitante se nós, que tentamos vivê-lo, nos fecharmos entre quatro paredes por medo dos judeus (cf. Jo 20,19), dos ateus, dos gnósticos ou indiferentes, ou das perguntas incômodas que nos fazem. E se houver comunhão no carisma em nossa própria família, então seremos missionários do encontro e da comunhão na sociedade humana e na Igreja.

ÍNDICE

Introdução	5
1. 1. Um carisma vivo	5
2. A eclesiologia do Concílio Vaticano II	7
3. A teologia do carisma e os carismas na vida religiosa consagrada	9
a. O carisma de Santo Agostinho	12
b. O carisma agostiniano	15
c. O carisma agostiniano recoleto	17
4. A família carismática agostiniana recolet	21
a. Sua espiritualidade agostiniana	23
b. Sua espiritualidade agostiniana recoleta	23
c. Sua jornada de santidade	23
I. A sabedoria das sabedorias	25
1. Sabedoria da interioridade	26
2. Sabedoria comunitária	27
3. Sabedoria da eclesialidade	28
II. Espiritualidade em segundo plano	30
III. Constantes de vida agostinianas	31
IV. Revitalização dos núcleos recoletos	31
5. Viver o carisma com esperança	32
a. Da espiritualidade agostiniana	32
b. Da espiritualidade agostiniana recoleta	33
6. Links agostinianos e agostinianos recoletos	33
7. Peculiaridades do carisma agostiniano recoleto	35
Conclusões	36
Índice	38

Pe. Fabián Martín Gómez, *agostiniano recoleto*

